

# DAVID BADDIEL

LIVRO DO ANO • *THE TIMES*

«FENOMENAL.»  
SIMON SCHAMA

«UMA OBRA-PRIMA.»  
STEPHEN FRY

# OS JUDEUS

«IMPERDÍVEL.»  
SARAH SILVERMAN

«AVASSALADOR.»  
NEIL GAIMAN

# NÃO CONTAM

v o g a i s

Vou dar-vos alguns exemplos de um fenómeno recorrente. Uma vez que a edição inglesa deste livro é editada pelo *Times Literary Supplement*, comecemos com um exemplo literário. Em agosto de 2020, o jornal britânico *The Observer*, que, a par do seu jornal gémeo *The Guardian*, é politicamente o meio noticioso convencional mais progressista do país, publicou uma recensão ao primeiro romance do argumentista Charlie Kaufman, *Antkind*, por uma crítica chamada Holly Williams. Não era uma recensão muito positiva, criticando o livro principalmente porque o narrador opera a partir do que Holly Williams chama de «perspetiva branca-masculina-cis-hetero». Por outras palavras, evidentemente branco, masculino e, de modo menos evidente, de género que não é trans nem não binário, e de uma sexualidade heterossexual. Qualquer pessoa que preencha estes quatro atributos é considerada, por quem assume que todas as estruturas sociais estão alicerçadas no poder, privilegiada. Os brancos-masculinos-cis-hetero começam a vida quatro passos à frente dos outros. Um livro escrito a partir de uma perspetiva branca-masculina-cis-hetero seria rotineiramente desvalorizado por uma plataforma como

o *The Observer*, permanentemente disposta a recentrar a conversa cultural longe de tais quatro atributos.

No entanto, o narrador de *Antkind* chama-se B. Rosenberger Rosenberg. Descreve-se no início do livro como tendo uma barba «rabínica», com «um ar judeu»; talvez ainda mais revelador, a dada altura usa uma gravata com o slogan «100% Kosher». Há múltiplas ocasiões em que outras personagens se comportam de modo antisemita para com ele, partindo do princípio de que os seus comportamentos correspondem aos estereótipos judaicos, resmungando baixinho «judeu» enquanto ele sai da sala, ou gritando-lhe diretamente «Vai-te foder, hebreu!». Mas na crítica do *The Observer* não se faz qualquer menção ao seu judaísmo, ou à questão do judaísmo no livro em geral, apesar de este utilizar — obrigado, *Kindle!* — 60 vezes a palavra «judeu», e 90 a palavra «judaico». E, claro, o próprio Charlie Kaufman é judeu.

Mas parece-me que nada disto, para Holly Williams, tem qualquer peso na perspetiva branca-masculina-cis-hetero de B. Rosenberger Rosenberg; isto é, não tem qualquer influência no seu privilégio.

Eis outro exemplo, desta vez da comedianta dinamarquesa Sofie Hagen. Numa — excelente — curta-metragem de 2019 que fez sobre a positividade corporal, Sofie Hagen enumera uma lista das «pessoas mais oprimidas da sociedade», uma lista que inclui: «Pessoas negras e pessoas de cor, pessoas *queer*, pessoas trans, muçulmanos e pessoas com deficiências.» O que, na verdade, é uma tentativa bastante boa de cobrir o grosso do que muitos progressistas considerariam ser os grupos mais oprimidos, as minorias mais perseguidas, da sociedade.

Contudo, essa lista deixa de fora uma minoria perseguida, uma das minorias mais perseguidas da História. Portanto.

Imaginemos que a personagem principal de *Antkind* pertencia a qualquer uma das minorias que Sofie Hagen menciona. A premissa central da recensão do *The Observer* — que a questão problemática de *Antkind* é ser escrito de um ponto de vista branco-masculino-cis-hetero — dissolver-se-ia, e com ela a maior parte do negativismo da crítica. O que quer dizer que, apesar da sua história de perseguição, para os verificadores do privilégio, apenas uma única minoria se mantém firme no que diz respeito aos quatro atributos do privilégio.

Chegou o momento de um exemplo da alta literatura: no dia de Ano Novo de 2017, a BBC Radio 4 transmitiu Jeremy Irons a ler a coleção completa dos poemas de T. S. Eliot, quase na íntegra. Todos aqueles que conhecem a poesia de Eliot saberão que ler todos os seus poemas implica a inclusão inevitável destas linhas de «Gerontion»:

Minha casa é uma casa derruída  
 E no peitoril da janela acocora-se o judeu, o dono,  
 Desovado em algum barzinho de Antuérpia,  
 Coberto de pústulas em Bruxelas, remendado e descascado  
 em Londres.

E de «Burbank com um Baedeker: Bleistein com um Charuto»:

As ratazanas estão por baixo das pilhas.  
 O judeu está debaixo de tudo.

Lembro-me de ouvir e de me perguntar como é que a BBC ia dar a volta a isso. Quando chegou o momento de transmitir esses poemas em particular, pediram ajuda a Anthony Julius,

advogado judeu e autor de *T. S. Eliot, Anti-Semitism and Literary Form* (1995), que prefaciou as leituras com a sua teoria sobre como o altamente prevalecente e popular antissemitismo da altura fundamentara e possivelmente até enriquecera a obra de Eliot. Para simplificar consideravelmente, Julius acredita que Eliot era um poeta de tal modo bom que — de modo quase único, embora continue a existir *O Mercador de Veneza* — podia fazer arte a partir do antissemitismo.

Escrevi a Anthony Julius posteriormente porque acho que a sua posição está errada. Sou fã de Eliot, mas não acho que a poesia redima o ódio. Algum tempo depois, acabámos por ir almoçar e ficámos a discutir o assunto durante três horas (uma reação, se é que o posso dizer, muito judaica a isto tudo).

Mas nada disto afastou o sentimento que tive, no dia de Ano Novo de 2017, de que, por maior que seja o escritor, por maior que seja a escrita, nenhuma outra minoria seria comparada a ratazanas, ou referida por qualquer outro estereótipo racista negativo equivalente, na Radio 4. Não é inconcebível que a BBC possa ler todo um livro de Agatha Christie no dia de Ano Novo. O que é, contudo, inconcebível é que alguém ouça a voz de Jeremy Irons a dizer: «E agora, *As Dez Figuras Negras*.»\*

---

\* Este policial de Agatha Christie foi originalmente publicado em 1939 com o título inglês *Ten Little Niggers* — literalmente «Dez Pretinhos» —, tirado de uma cantilena infantil. O romance foi publicado nos Estados Unidos em 1940 com o título alterado para *And Then There Were None*, mas essa alteração só foi oficialmente levada a cabo no Reino Unido na década de 1980. Em português, o livro foi sendo publicado com outros títulos, o primeiro dos quais *Convite para a Morte* e o mais recente *No Início Eram Dez; As Dez Figuras Negras* é o título português que está mais próximo do original de 1939, embora eliminando a conotação ofensiva da palavra *niggers*. [N. T.]

\*

Entretanto, em meados de 2020, na sequência das várias estátuas que foram derrubadas como parte dos protestos Black Lives Matter, um manifestante muito distante de Minneapolis — em Broadstairs, no Kent — escreveu a spray nas paredes do Museu Dickens as palavras «Dickens Era Racista». O manifestante chamava-se Ian Driver e a sua inspiração foi uma carta que Dickens escreveu em 1857 a denunciar a Rebelião Indiana de 1857. A carta é, inquestionavelmente, racista. Contudo, é estranho que Ian Driver tenha tido de ir buscar um artigo relativamente obscuro de Dickens para se inflamar com o seu racismo, quando, ao longo de anos e anos, Fagin está à vista de todos em *Oliver Twist*.

Mas talvez Fagin não conte.

Contudo, o discurso cultural moderno sobre a reavaliação de grandes escritores do passado à luz das atuais perceções políticas não é sempre negativo. No caso, por exemplo, da romancista do início do século xx Edith Wharton, essa reavaliação tem recentemente ido no sentido de erguer o seu estatuto no cânone, graças à ideia de ter sido negligenciada por ser mulher. Nos últimos meses de 2020, o clube de leitura online do jornal *The Guardian* escolheu *A Idade da Inocência* de Edith Wharton como o seu livro de setembro. Entretanto, no *The Times*, Anna Murphy escreveu sobre o seu amor por *A Casa da Felicidade*, e especificamente sobre quão contente estava por Edith Wharton ser finalmente reconhecida como estando «ao nível» de Henry James.

É certo que, com algumas exceções de nota, as mulheres escritoras não mereceram a devida atenção por parte da

cultura, pelo que esta reavaliação de Edith Wharton me levou a decidir pegar em *A Casa da Felicidade*. Estava a apreciar muito as aventuras da heroína Lily Bart nas primeiras páginas até ser introduzida uma personagem chamada Sr. Rosedale — «um judeuzinho que tinha sido apresentado e rejeitado na sociedade uma dúzia de vezes desde que ela se recordava». A questão não é, claro, que Edith Wharton, no seu tempo e contexto, tenha escrito coisas que consideraríamos hoje serem antisemitas. A questão é isto não constituir um problema para a sua atual reivindicação feminista. Entretanto, outros tipos de racismo que a sua escrita possa expressar continuam, para alguns, a ser um problema. Num ensaio no site feminista *Jezebel*, a especialista em literatura vitoriana Rachel Verona Cote escreve: «Excluindo o que as personagens de Edith Wharton — ou, até mesmo, a própria Edith — possam ter a dizer da minha família judia, a minha branquitude garante-me umas vendas confortáveis que ocultam os detalhes depreciativos. Assim que viro a minha atenção para o tratamento dado pelo romance às pessoas de cor — periférico, desdenhoso —, não consigo recuperar o prazer descomplicado de o fruir.»

Ainda bem que Rachel Verona Cote está a questionar as suposições de Edith Wharton. Se eu questionasse as dela, a questão que colocaria seria: porquê excluir o que as personagens de Edith Wharton, ou a própria Edith, diriam dos judeus?

Eis outro exemplo.

Em 2019, uma encenação de *A Cor Púrpura*, a partir do romance de Alice Walker, deveria subir ao palco em Londres sob a forma de peça musical. Cerca de quatro semanas antes da estreia, descobriu-se que a atriz que iria interpretar o papel

principal de Celie, Seyi Omooba, tinha postado, em 2014, mensagens homofóbicas no *Facebook*. Seyi Omooba é oriunda de uma família cristã evangélica, e os seus posts eram mensagens cristãs evangélicas relativamente banais sobre o pecado das atividades sexuais com pessoas do mesmo sexo. Ela recusou-se a pedir desculpa pelos posts e foi despedida.

Não tenho interesse, para efeitos deste livro, nos méritos e deméritos da cultura do cancelamento, no geral. Mas o que é importante, para efeitos deste livro, é que Seyi Omooba *foi* cancelada, pelo menos no que diz respeito ao espetáculo, por ser homofóbica.

Alice Walker publicou em 2017 um poema chamado «To Study the Talmud» (Estudar o Talmude). O Talmude é um livro de exegese do Velho Testamento, codificado no século XIV, que contém a base de todas as regras e leis arcaicas do judaísmo. Foi escrito principalmente por rabinos. Tem sido amplamente mal citado por antissemitas que pretendem sugerir que os judeus bebem sangue cristão e promovem a pedofilia. Eis o que Alice Walker escreveu:

Será suposto os góis (nós) serem escravos dos judeus, e não apenas  
 Isso, mas gostarem de o ser?  
 Serão as raparigas de 3 anos (e 1 dia) de idade elegíveis para casamento e coito?  
 Serão os rapazes uma presa válida para a violação?  
 Deverão até os melhores dos góis (nós, mais uma vez) ser mortos?  
 Façam um momento de pausa e pensem no que isto podia significar  
 Ou já significou  
 No nosso próprio tempo.

Alice Walker, como Seyi Omooba, usou a religião antiga para sustentar e promover estereótipos e discriminação contra uma minoria. Seyi Omooba diz: «Está claramente evidente em I Coríntios VI, 9–11, o que a Bíblia diz sobre este assunto. Não acredito que se possa nascer homossexual, e não acredito que as práticas homossexuais sejam corretas.» Esta é uma posição antigay. Alice Walker diz: Os judeus acreditam que a pedofilia, a escravatura e o homicídio dos não judeus são sancionados pela sua religião. Esta é uma posição antijudaica. Das duas posições, esta também é, sugeriria eu, a mais poderosamente expressa («Não acredito» é uma declaração de opinião; «Os judeus acreditam» é uma declaração de facto — incorreto). Seyi Omooba foi cancelada. Alice Walker — nunca ninguém sequer sugeriu que o pudesse ser. E, claro, o musical de *A Cor Púrpura* prosseguiu.

Vivemos em tempos exacerbados do ponto de vista político. Quando eu era miúdo, nos anos 1970 e 1980, «o pessoal é político» era um mantra, mas, mesmo assim, hoje em dia a politização de tudo, sustentada pelas políticas identitárias alimentadas pelas redes sociais, chuta esses tempos para um canto. Isto ficou evidente num recente documentário da BBC sobre a série dramática *Play for Today*. *Play for Today*, que esteve em exibição entre 1970 e 1984, foi um programa de peças escritas para um único episódio de televisão, e abriu as portas para muitos importantes dramaturgos britânicos. A minha memória dessas peças é que tinham tons e temas muito variados, mas o documentário de que falo, que se chamava *Drama Out of a Crisis*, destacava apenas as que expressavam políticas radicais e questões

sociais. Fez, por isso, questão de se concentrar nas poucas peças da série *Play for Today* que falavam de minorias, nomeadamente no trabalho do escritor e realizador negro Horace Ové, mas também na única peça que, à frente do seu tempo — embora sintonizada com o nosso — tratava de assuntos transgénero.

Em 1977, a BBC transmitiu na *Play for Today* a peça de Jack Rosenthal *Bar Mitzvah Boy*. Venceu o prémio desse ano da BAFTA, a Academia Britânica de Artes Cinematográficas e Televisivas, para melhor drama. Dois anos antes, a *Play for Today* transmitira outra peça de Rosenthal, *The Evacuees*, um drama sobre duas crianças judaicas forçadas a viver com pais adotivos gentios durante a Segunda Guerra Mundial. Também venceu um prémio BAFTA e um Emmy internacional. Mas o que para mim é mais importante, enquanto jovem adolescente londrino, é que ambas estas peças foram o primeiro exemplo real de representação da minha vida na televisão. Foi a primeira vez que eu vi a experiência anglo-judaica retratada com precisão na cultura britânica.

*Drama Out of a Crisis* não fala de nenhuma destas peças.

Por vezes, ouve-se em voz alta aquilo de que estou a falar. O principal programa de atualidades da BBC, aquele que marca a agenda noticiosa todas as manhãs, é o programa *Today* da Radio 4. É de audição obrigatória para quem se interesse por política. E é obrigatório reagir: se se diz algo de controverso no *Today*, o *Twitter* inflama-se, e a conversa explode.

A 13 de maio de 2019 o convidado foi John Zogby, o especialista americano em sondagens. A dada altura, começou a falar de fissuras no Partido Democrata, especificamente em

torno das opiniões proferidas pela então recém-eleita representante Ilhan Omar sobre Israel e os seus apoiantes nos Estados Unidos. O entrevistador, Justin Webb, que é presença regular no *Today*, disse-lhe em resposta:

Se o partido decidisse dizer aos seus apoiantes «Ouçam, achamos que o antissemitismo é de alguma forma equivalente ao modo como alguns dos nossos poderiam olhar para o racismo antibranco, que é na verdade uma escala diferente de racismo; não é tão importante; é mau na mesma, mas não é tão importante como outras formas de racismo», que impacto pensa que isso poderia ter?

Foi um momento estranho. Pareceu menos uma pergunta e mais uma espécie de sugestão útil. O tom era de *Talvez isto fosse um caminho que os democratas pudessem seguir*. Webb não qualificou ou contextualizou a questão. Não a prefaciou ou acrescentou «Claro que é ofensivo dizer isto, mas talvez seja o que algumas pessoas do partido realmente pensam». O seu tom foi neutro.

Zogby seguiu em frente sem responder realmente à pergunta. Mas, mesmo que o tivesse feito, foi a pergunta que me fez realmente sentir incomodado. Lembro-me de a ouvir e de pensar: «Ena, é raro que alguém o diga assim sem meias-palavras: *O antissemitismo é um racismo de segunda classe.*» Achei que iria gerar controvérsia. Achei que iria haver uma reação intensa.

Não houve. Bom, não é exatamente verdade. Houve alguma, depois de eu ter conseguido, após ter dado voltas e mais voltas no BBC Sounds e nos programas de gravação no meu computador, gravar a pergunta e colocá-la no *Twitter*, a par de uma declaração do meu espanto. Mesmo nessa altura,

não houve assim muito ruído online, e o que houve veio sobretudo dos judeus\*.

Um exemplo da minha vida desportiva. Em 2008 estava sentado, como de costume aos sábados à tarde, com o meu irmão Ivor a ver o Chelsea em Stamford Bridge. Já íamos ao estádio há muito tempo, e por essa altura sentávamo-nos na bancada superior leste. O Chelsea jogava contra o Aston Villa. O jogo estava uma maçada. No ecrã, apareceu o resultado de outro jogo. O Tottenham Hotspur estava a perder com o Hull.

A multidão aborrecida pegou nisto e começou a cantar «Odiamos o Tottenham, e odiamos o Tottenham». Depois, com uma previsibilidade cansativa, a multidão começou a entoar a palavra «*yiddo*»†. Para quem não conhece este fenómeno, a equipa de futebol do Tottenham Hotspur (conhecida por Spurs) fica numa zona de Londres que é razoavelmente bem povoada por judeus. Por esta razão, os adeptos dos Spurs identificam-se, e são identificados por outros, como um clube «judeu» — muito embora a grande maioria dos adeptos não sejam judeus —, e isto leva a vários cânticos ao redor da palavra «*yid*». Aqueles que o sabem continuam a ficar geralmente confusos, porque têm tendência a achar que são apenas os adeptos dos Spurs a entoar «positivamente» esta palavra. Não são. Também é entoada pelos adeptos do Chelsea, do Arsenal, do West Ham e de outros clubes *contra* os adeptos dos Spurs,

---

\* Uma coisa que aconteceu foi que Justin Webb me contactou em privado para deixar bem claro que, independentemente do que pudesse parecer, a sua intenção não era tolerar uma tal ideia, ou apresentá-la como um genuíno passo em frente, mas apenas sugerir que existe como modo de pensar de muitos no Partido Democrata.

† Variação sobre a ofensa «*yid*», abreviatura de «*yiddish*» — iídiche. [N. T.]

de modo ameaçador, de modo horrível, a par de outros cânticos antissemitas associados — «Os Spurs vão a caminho de Auschwitz», por exemplo — e de silvos que imitam o ruído das câmaras de gás.

Nessa tarde em particular, um fã, mais ou menos dez filas atrás de nós, decidiu juntar ao cântico da palavra «*yiddo*» gritos, repetidos, de «*Fuck the fucking Yids! Fuck the fucking Yids!*». E depois, só para deixar bem claro que, com «*yids*», não se referia apenas aos «adeptos dos Spurs», passou a «*Fuck the fucking Jews! Fuck the fucking Jews!*». Isto continuou durante algum tempo. Eu e o Ivor olhámos um para o outro. O Ivor perguntou: «O que é que fazemos?» Encolhi os ombros. Então o meu irmão, que Deus o abençoe, levantou-se, virou-se para trás e mandou calar o tipo. O homem respondeu-lhe, de modo clássico: «Não, cala-te tu.» O Ivor ripostou: «Não, cala-te *tu*.» E aí, milagrosamente, ele calou-se. O racista calou-se. O Ivor sentou-se e disse-me: «Acho que vou chorar.»

Quando isto aconteceu, já há 30 anos que ficávamos sentados — bom, primeiro ficávamos de pé e depois ficávamos sentados — a ouvir estas coisas em Stamford Bridge. Ao longo desse período, a cultura em torno do racismo no futebol mudou incomensuravelmente. Na década de 1970, os adeptos de futebol eram inacreditavelmente racistas, e organizações como a Kick It Out deram passos de gigante para erradicar o racismo ao longo das décadas que se seguiram. Em 2008, o mundo já tinha definitivamente mudado. De tal modo que o programa impresso do Chelsea nesse dia trazia uma mensagem muito clara: quaisquer insultos racistas ouvidos nas bancadas durante o jogo levariam a uma intervenção imediata dos seguranças do campo e a uma interdição vitalícia de entrar no estádio para o infrator em questão.

## COMO AS POLÍTICAS IDENTITÁRIAS FALHARAM COM UMA IDENTIDADE EM PARTICULAR

Vivemos num momento de intensa consciencialização sobre as minorias, em que pessoas que consideram estar do lado certo da História lutam ativamente contra formas de discriminação como a homofobia, a deficiência, a transfobia e, sobretudo, o racismo.

David Baddiel defende, porém, que há um tipo de racismo que tem sido deixado de fora dessa luta: o antissemitismo. Neste livro, numa brilhante combinação de observações perspicazes, experiências pessoais e críticas acutilantes, o famoso comediante e escritor apresenta a sua perspetiva sobre como as políticas identitárias e não discriminatórias têm falhado com uma identidade em particular e descreve como os judeus não contam como uma verdadeira minoria — e por que motivo deveriam contar.

## UM PEQUENO ENSAIO SOCIOPOLÍTICO QUE CONVIDA A UMA REFLEXÃO SOBRE A DESIGUALDADE NO TRATAMENTO DAS MINORIAS

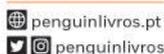
«Uma crítica convincente e devastadora.»

*The Sunday Times*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Temas Atuais



penguinlivros.pt

penguinlivros

ISBN 9789895649945



9 789895 649945 >